

Ações antirracistas no ensino superior: ensinando alunas(os) negras(os) a escrever sem medo. Entrevista com Maria Lúcia da Silva¹

Danielle Pereira de Araújo² 

Marcos Antonio Batista da Silva³ 

Poderia nos falar um pouco sobre sua trajetória e como foi sua chegada na luta antirracista via educação?

Maria Lucia da Silva: Eu sempre participei de eventos acadêmicos voltados às questões étnico-raciais: congressos, cursos de formação, coordenação de grupos de trabalhos, desde a minha formação inicial, e sempre contei com a colaboração de professores engajado na luta antirracista. Professores estes que, desde a minha graduação, me apoiaram e me incentivaram muito, e isso também ocorreu na pós-graduação (mestrado e doutorado). De modo geral sempre tenho atuado em prol de ações antirracistas que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão, entre outros debates recorrentes que ocorrem no campo educacional, como, por exemplo, políticas de ações afirmativas, políticas de permanência e formação de professores para o ensino da história e cultura de afro-brasileiros e africanos. Além de estar também envolvida com a questão da saúde mental da população negra, em especial, dos estudantes negros. Sempre estou me conectando com esta temática e atuando no exercício de minhas funções como educadora. Essa minha luta vem de longa data, inclusive participei do primeiro Grupo de Trabalho⁴ para a introdução da Lei nº 10.639/2003, entre outras importantes participações ao longo de minha trajetória de vida e acadêmica.

¹ Professora no Curso Jornalismo e Coordenadora do NERA (Núcleo de Estudos Étnico-Racial) das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)/Faculdades Integradas Alcântara Machado/Faculdades de Artes Alcântara Machado (FIAMFAAM).

² Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

³ Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

⁴ Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf

Como você tem observado o contexto da introdução do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no campo educacional brasileiro? Há rupturas e/ou continuidades de culturas acadêmicas, curriculares, epistemológicas?

Maria Lucia da Silva: Penso que, apesar dos avanços com a implementação da Lei nº 10.639/2003, ainda há muitas lacunas, como, por exemplo, a necessidade de fortalecer os professores/as no exercício de suas atividades em sala de aula, principalmente se você é uma professora negra e sozinha no espaço educacional, e seus pares, muitas vezes estão em cargos ou em outras hierarquias que você não consegue acessar. Neste sentido, é muito difícil realizar este debate sozinha, é muita crueldade, por conseguinte, muitos professores só se envolvem na programação do dia Consciência Negra. Há necessidade de romper com isto. Outro ponto importante no que se refere ao fortalecimento para os estudos das relações étnico-raciais perpassa o fortalecimento dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros junto às universidades brasileiras (Neabs)⁵. Ressalto ainda outro ponto que é a necessidade de conexões, parcerias, investigações e envolvimento maior com o debate originário do continente africano, o papel da África. Assim como trazer para a comunidade acadêmica (professores, alunos, orientadores) um número maior de referências negras, para o espaço educacional, da Educação Básica ao Ensino Superior. E isso inclui também a Pós-graduação. É crucial um maior engajamento da comunidade acadêmica para a inclusão de bibliografia relativa ao ensino das relações étnico-raciais em diferentes áreas de conhecimento e formação.

Como tem sido a sua relação com outras áreas do conhecimento, em especial, organizações e ou instituições como foco na luta antirracista? Há conexões?

Maria Lucia da Silva: Entendemos que, quanto mais a comunidade acadêmica e outros seguimentos da sociedade (instituições, organizações, movimentos sociais de base) estiverem presentes na luta antirracista, melhor para todos, em especial, por meio de referenciais negros (representatividade de professores, referências nas matrizes curriculares). É fundamental questionar a presença ínfima do professor negro nas instituições de ensino superior e trazer também o debate acerca da saúde mental da população negra no país, em especial, no que tangencia o cuidado e a preservação dos estudantes negros para o enfrentamento e combate do racismo sofrido no ambiente educacional. É preciso entender a emergência de cuidarmos de nossa saúde mental e o quanto o racismo nos adocece e nos mata. Por isso a importância de desenvolver uma

⁵ Ver: <https://www.abpn.org.br/consorcio-de-neabs>

ação antirracista que seja também descolonizadora, utilizando-se das contribuições de pessoas engajadas com a luta e a educação antirracista. É preciso avançar para além dos discursos, pois esse cenário somente se altera se os docentes das Instituições de Ensino Superior mudarem a forma de abordagem das questões étnico-raciais em sala de aula. E essas mudanças devem se basear em pesquisas acadêmicas, em trocas de experiências e em novas práxis.

Poderia falar um pouco sobre os projetos que tem desenvolvido atualmente no campo da educação antirracista e quais são os desafios encontrados?

Maria Lucia da Silva: Aqui na FMU/FIAM/FAAM [Faculdades Metropolitanas Unidas/Faculdades Integradas Alcântara Machado/Faculdades de Artes Alcântara Machado], temos trabalho de diversas formas. Desde 2016, quando criamos o NERA [Núcleo de Estudos Étnico-raciais], com ações por meio de eventos, oficinas, minicursos, formação de professores, produção de programas de TV e Rádio, intervenções artísticas, exibição e debate de filmes, produção de matérias jornalísticas e a parceria com outros cursos da Instituição. Em 2018, criamos a Revista Dumela (impressa e site), que serve como repositório (memória) das atividades realizadas pelo núcleo. Por exemplo: a preocupação com a saúde mental dos alunos negros nos fez procurar parcerias e tivemos apoios como o das professoras e pesquisadoras Maria Carolina dos Santos (curso de Musicoterapia da FMU) e de Mara Aline dos Santos (curso de Psicologia da FMU) e desenvolvemos intervenções de musicoterapia e palestras com alunos e professores de psicologia. Também conseguimos realizar palestras com a pesquisadora/psicóloga Maria Lucia da Silva, professor Deivison Nkosi e o pesquisador Márcio Farias, que integram o Instituto Amma Psiquê que proferiram palestras para o NERA. Outra ação que podemos exemplificar é o estímulo à pesquisa e a orientação de trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso com a temática racial. Vimos aumentar os números dessas pesquisas com a temática, daí optamos por relatar essas ações em artigos científicos 2018, 2019 e 2020 onde apresentamos no Intercom (evento científico da comunicação) artigos com resultados do que desenvolvemos no NERA.

O desafio é sempre dar continuidade aos projetos, no setor privado de educação, especialmente no ensino superior, a presença de professores negros é maior que no setor público, temos esses dados registrados em pesquisas, mesmo assim, o rodízio de profissionais no setor privado é constante. E, com isso, a formação continuada para fortalecer professores negros e não negros que atuem com a temática

racial torna-se um desafio, assim como a inclusão de referências bibliográficas nos planos de ensino. Se ainda houver possibilidade de dar outros exemplos ações, quero falar da formação de professores que fizemos com Sheila Walker, a antropóloga, pesquisadora americana que estava no Brasil lançando livro e filme e aí solicitamos apoio à FMU/FIAM/FAAM para convidar a pesquisadora para uma formação para nós professores. Deu certo e foi um belo encontro. E, por último, falar do evento “Sala de Leitura” que criamos para ler e estudar obras de mulheres negras, iniciamos com a leitura de textos de Sueli Carneiro, no semestre seguinte lemos Lélia Gonzales, depois fizemos com a Beatriz Nascimento e a próxima será a obra de Carolina Maria de Jesus. Quem puder leia nossos relatos no site da revista Dumela⁶.

Poderia falar sobre o que entende que seja ou deveria ser uma educação antirracista?

Maria Lucia da Silva: Uma educação antirracista deve ter como base o processo de descolonização do pensamento e das ações no cotidiano. Revisitar nossas fontes de pesquisa e as nossas formas de escrita. Entender o nosso papel como uma cidadã da diáspora, com orgulho da identidade racial e a nossa luta. Lutar contra o genocídio de nossa população. Compartilhando, dialogando e fortalecendo, como vem fazendo as mulheres/professoras/pesquisadoras negras. Ensino me referenciando na luta do povo negro, com as referências que vêm dos movimentos negros, dos diversos Quilombos.

Submetido em: 24/11/2021

Aceito em: 24/11/2021

⁶ revistadumela.com.br

Sobre os autores

Danielle Pereira de Araújo

Doutora em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Investigadora em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra (UC) (Projeto 725402 – POLITICS – ERC-2016-COG). E-mail: daniellearaujo@ces.uc.pt

Marcos Antonio Batista da Silva

Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra (UC) (Projeto 725402 - POLITICS - ERC-2016-COG). E-mail: marcos.psico@yahoo.com.br